



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS FLORIANÓPOLIS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Sérgio Duarte da Silva

INFÂNCIAS GUARANI:
Brincadeiras e Jogos Tradicionais na Aldeia Tekoa Marangatu

FLORIANÓPOLIS,
2025

Sérgio Duarte da Silva

INFÂNCIAS GUARANI:

Brincadeiras e Jogos Tradicionais na Aldeia Tekoa Marangatu

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Patrícia de Moraes Lima

Florianópolis

2025

Silva, Sérgio Duarte da

INFÂNCIAS GUARANI: : Brincadeiras e Jogos Tradicionais
na Aldeia Tekoa Marangatu / Sérgio Duarte da Silva ;
orientadora, Patrícia de Moraes Lima, 2025.

50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. cultura indígena guarani. 3. infâncias
guarani. 4. brincadeiras. 5. jogos. I. Lima, Patrícia de
Moraes. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Pedagogia. III. Título.

Sérgio Duarte da Silva

INFÂNCIAS GUARANI: Brincadeiras e Jogos Tradicionais na Aldeia Tekoa Marangatu

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciado e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia.

Florianópolis, 27 de junho de 2025 Local

Prof^a. Dr^a Illana Laterman
Coordenadora do Curso

Banca examinadora

Prof.(a) Dr.(a) Patrícia de Moraes Lima
MEN/CED/UFSC
(Orientadora)

Profa. Me. Joana Vangelista Mongelo
(Membro Titular)

Profa. Me. Silvana Mindua Vidal Veríssimo
(Membro Titular)

Profa. Dra. Joana Célia dos Passos
(Membro Suplente)

Florianópolis, 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, Márcia da Silva, em guarani Kerexu, por todo o amor, força e ensinamentos que me guiaram até aqui. Ao meu pai, Silvio Duarte, por seu apoio constante e presença em minha caminhada. À minha avó, Maria da Silva Guimarães, em guarani Para Rete Yxapy, que sempre esteve comigo com sua sabedoria, conselhos e cuidado.

Expresso minha gratidão à Professora Patrícia de Moraes Lima e à Professora Camila Camillozzi, que, com paciência, respeito e dedicação, contribuíram de forma valiosa para minha formação e para a realização deste trabalho. Agradeço também a banca de avaliação deste trabalho: a professora Joana Vangelista Mongelo, a professora Silvana Mindua e a professora Joana Célia dos Passos.

Agradeço também a todos que, de alguma forma, fizeram parte da minha trajetória: meus primos, meus amigos, e todas as pessoas que me apoiaram, me incentivaram e acreditaram em mim. Levarei cada palavra de apoio, cada gesto de carinho e cada momento compartilhado com muita gratidão em meu coração.

Este trabalho é resultado de muitas mãos, afetos e saberes que caminharam comigo.

Obrigado - aguyjevete!

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo compreender qual a função social das Brincadeiras e dos Jogos para as comunidades MBYA-Guarani da Aldeia Tekoa Marangatu em Imaruí- SC. Foi realizada a pesquisa na comunidade guarani de Imaruí-SC, através de uma abordagem participativa e qualitativa. Os resultados alcançados apontam para a especificidade da função social das brincadeiras e dos jogos como elementos ligados ao Opy e ao desenvolvimento da cultura guarani.

Palavras-chave: infâncias guarani, brincadeiras, jogos, cultura indígena guarani.

ABSTRACT

This undergraduate thesis aimed to understand the social function of play and games in the MBYA-Guarani communities of the Tekoa Marangatu village in Imaruí, SC. The research was conducted in the Guarani community of Imaruí-SC through a participatory and qualitative approach. The results point to the specific social function of play and games as elements connected to the Opy (ceremonial house) and to the development of Guarani culture.

Keywords: Guarani childhoods, play, games, Guarani Indigenous culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Aldeia da Harmonia, 2025	10
Figura 2 – Esse sou eu com minha mãe Kerexu e minha avó Para Rete Yxapy	19
Figura 3 – Crianças da Aldeia Tekoa Marangatu.	23
Figura 4 – Mata onde corre a cachoeira na aldeia	30
Figura 5 – Foto da parte interna da Aldeia Tekoa Marangatu	31
Figura 6 – Entrada da Aldeia	32
Figura 7 – Entrada aldeia Casarão e Padaria e quadra coberta	33
Figura 8 – Posto de Saúde e Campo de futebol	34
Figura 9 – Escola	35
Figura 10 – Foto das casas e da cachoeira	37
Figura 11 – Casa de Reza	37
Figura 12 – Cacique Daniel Benites e o Vice-Cacique Fabiano Alves	39
Figura 13 – Brincadeira de Peteca	40
Figura 14 – Brincadeira da Melancia	41
Figura 15 – Brincadeira Mbaraka	42
Figura 16 – Jogo Jaguaretê	43
Figura 17 – Brincadeira Oja	45
Figura 18 – Jogo de Mímica	46
Figura 19 – Brincadeira ROVO	47
Figura 20 – Brincadeira Mandió	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 JUSTIFICATIVA	13
3 OBJETIVOS	15
3.1 GERAL	15
3.2 ESPECÍFICOS	15
4 PROBLEMA DE PESQUISA	16
5 METODOLOGIA	17
6 MEMORIAL DE ESTUDANTE GUARANI NO CURSO DE PEDAGOGIA	19
7 INFÂNCIAS GUARANI	23
7.1 AS CRIANÇAS NA ALDEIA TEKOA MARANGATU	25
8 A ALDEIA TEKOA MARANGATU	29
9 AS BRINCADEIRAS E JOGOS GUARANI NA ALDEIA TEKOA MARAGATU	39
1. PETECA	39
2. XANJAU (MELANCIA)	40
3. MBARAKA	41
4. JAGUARETE	42
5. OJA	44
6. JOGO DE MÍMICA	45
7. ROVO (FOCA)	46
8. MANDIO (AIPIM)	47
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Figura 1. Aldeia da Harmonia, 2025.



Fonte: Acervo do autor.

Essa foto foi realizada na aldeia Tekoa Marangatu (Aldeia da Harmonia), no litoral de Santa Catarina. Mostra que as crianças estão usando a pintura corporal utilizando cores com grafismos que representam a cultura Guarani, roupas confeccionadas de forma cultural, jovens e adultos com as crianças presentes nessa imagem.

A Educação Escolar Indígena Guarani possui uma ligação muito forte com a cultura das Brincadeiras e dos Jogos, através da convivência do dia a dia na comunidade e na escola. Os jogos e as brincadeiras não estão separados, encontram-se interligados aos modos de vida partilhados na aldeia. Algumas dessas brincadeiras e jogos são costumeiramente praticadas por crianças, jovens e adultos tais como: peteca, corrida de mbaraká, arco e flecha, sarabatana. Essas brincadeiras e jogos são ensinadas às crianças desde pequenas, pois fazem parte do cotidiano e da vida Guarani. Desde pequenas, as crianças são inseridas em um ambiente onde a cultura, os valores e os modos de vida da tradição guarani são transmitidos de geração em geração. Esse processo ocorre de forma

natural dentro do *Nhande Reko*, a maneira de ser Guarani e envolve a convivência com as famílias e a comunidade.

Desde os primeiros anos de vida, as crianças aprendem observando e participando das atividades cotidianas dos mais velhos. O ensino acontece por meio da oralidade, das práticas diárias e da experiência direta com a natureza e o meio em que vivem. Os pais, avós e outros membros da comunidade ensinam, por meio de histórias, cantos e brincadeiras, os conhecimentos sobre a floresta, os animais, as plantas medicinais e os rituais sagrados. As crianças estão imersas no *Nhande Reko*, a forma de ser e viver Guarani, e a escola deve respeitar e valorizar esse modo de vida. Quando o ensino acontece de maneira descontextualizada, sem considerar a língua e os conhecimentos tradicionais, há um risco de perda cultural e linguística, o que pode enfraquecer a identidade das crianças e sua conexão com a comunidade.

As brincadeiras são fundamentais nesse aprendizado. Elas não são apenas formas de diversão, mas também um meio de desenvolver conhecimentos importantes para a vida na comunidade guarani. Jogos como a corrida, o arco e flecha e as imitações dos gestos dos mais velhos, ensinam não apenas habilidades motoras, mas também valores como respeito, paciência, colaboração e resistência. Além disso, muitas brincadeiras estão ligadas a ensinamentos espirituais e à relação com *Nhanderu* (o Criador), fortalecendo a identidade cultural e o senso de pertencimento das crianças. A educação das crianças é essencial para garantir que as nossas crianças Guarani cresçam fortalecidas em sua identidade cultural e na sua língua materna. Desde os primeiros anos de vida, elas estão imersas no *Nhande Reko*, a forma de *ser e viver* Guarani.

Na adolescência, essas práticas continuam sendo fundamentais. Jogos que exigem estratégia, cooperação e resistência física ajudam a fortalecer o espírito comunitário e a identidade cultural dos jovens. Muitas dessas brincadeiras estão ligadas a práticas rituais, ajudando os adolescentes a compreenderem seu papel dentro da comunidade e sua relação com *Nhanderu* (o Criador) e o respeito mútuo como princípio da vida na comunidade Guarani.

Neste TCC do Curso de Pedagogia apresento as brincadeiras e os jogos que fazem parte da cultura guarani, buscando compreender como os jogos e as brincadeiras constituem as infâncias indígenas na cultura do povo Guarani- MBYA. Essa pesquisa de

TCC será realizada na Aldeia Tekoa Marangatu junto às crianças guaranis que ficam no município de IMARUÍ em Santa Catarina. Como aprendemos no Curso de Pedagogia sobre os processos de ensino e aprendizagem, bem como sobre as crianças e seu desenvolvimento, agora no TCC, busco sistematizar saberes do meu povo e compreender como nos espaços de trocas entre crianças, jovens e adultos, as brincadeiras são constituídas e preservadas e ensinadas de geração em geração. A tentativa aqui presente é de apresentar os jogos e as brincadeiras que encontramos na etnia indígena Guarani, onde nasci e cresci, buscar compreender a função social dos jogos e brincadeiras como práticas culturais vivenciadas em diferentes momentos históricos no âmbito familiar ou da comunidade.



Conteúdo disponível na modalidade oral.

Gravação realizada pelo autor, 2025.

2 JUSTIFICATIVA

As concepções de infância que possuímos hoje fazem parte de uma trajetória e de um processo histórico social. Esse olhar é importante para que possamos compreender que quando falamos das culturas indígenas não podemos considerar um único povo e nem uma única cultura. As práticas sociais dos povos indígenas são plurais e diferentes em cada etnia, portanto, ao cultuarmos a infância como um princípio da vida na cultura guarani, estamos considerando a importância dos aprendizados e das trocas entre as gerações mais antigas para que o conhecimento possa ser repassado às crianças. Isso se dá principalmente, nos povos mbya-guarani, através das brincadeiras e dos jogos.

Os Mbya-Guarani são uma etnia dos grupos de língua Guarani, da família linguística Tupi-Guarani, do tronco Tupi. Vivem historicamente no Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, em um vasto território que é ocupado de forma descontinuada. Neste vasto território, os Mbya-Guarani ocupam apenas as terras com as configurações ambientais condizentes e necessárias para a sua reprodução física e cultural. No Brasil, os Mbya-Guarani vivem em aldeias no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo especialmente. Os Mbya-Guarani caracterizam-se pela forte mobilidade entre as suas diversas aldeias. São frequentes viagens, visitas e trocas de local de moradia que, desencadeadas por fatores diversos, fazem com que estes indígenas estejam em constante circulação pelo seu amplo território. Assim, com a troca de pessoas, coisas, ideias e emoções, podemos afirmar que a cultura Mbya-Guarani está sempre sendo atualizada, onde quer que eles se encontrem

A pesquisa proposta no TCC visa apresentar as brincadeiras e os jogos como elementos da cultura mbya-guarani que constituem as crianças no seu processo de desenvolvimento sensorial e cognitivo. Para isso, precisamos compreender as infâncias não pela sua universalidade, mas, por sua particularidade e no caso, considerando as práticas culturais e sociais presentes no contexto de vida das mesmas. A tríade cultural, social e histórica é fundamental para compreendermos as questões que permeiam as infâncias, não apenas na cultura do ocidente, mas na cultura e cosmologia indígena guarani.

As pesquisas sobre as infâncias Guarani (no plural, para expressar a diversidade social) ainda têm pouca difusão no meio acadêmico, se comparadas com as produzidas pelas outras áreas do conhecimento. Sendo assim, a pesquisa a ser realizada atribuirá a importância de buscar nos estudos indígenas e nos estudos das Infâncias elementos para desenvolver a pesquisa buscando valorizar as crianças Guarani e seus conhecimentos, bem como o saber-local da Aldeia Tekoa Marangatu.



Conteúdo disponível na modalidade oral.

Gravação realizada pelo autor, 2025.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Compreender qual é a função social das Brincadeiras e dos Jogos para as comunidades MBYA-Guarani da Aldeia Tekoa- Marangatu em Imaruí- SC.

3.2 ESPECÍFICOS

Conhecer organização das culturas guaranis na comunidade Tekoa Marangatu, através dos jogos e brincadeiras partilhadas pelas crianças neste espaço;

Apresentar os conhecimentos e os saberes sobre as brincadeiras e os jogos na cultura guarani, buscando considerar o tempo da experiência dessas práticas;

Identificar os principais jogos e brincadeiras com os seus significados para a cultura mbya-guarani.



Conteúdo disponível na modalidade oral.

Gravação realizada pelo autor, 2025.

4 PROBLEMA DE PESQUISA

Esta pesquisa de TCC visa identificar na cultura mbya-guarani como os jogos e as brincadeiras constroem as infâncias considerando os aspectos culturais envolvidos nas relações e práticas sociais na Aldeia Tekoa Marangatu. Com isso, a pergunta de pesquisa neste trabalho é: **qual a função social das brincadeiras e dos jogos para as infâncias MBYA-Guarani da Aldeia Tekoa Marangatu em Imaruí- SC?**



Conteúdo disponível na modalidade oral.

Gravação realizada pelo autor, 2025.

5 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Aldeia Tekoa Marangatu no município de Imaruí- SC junto ao povo indígena mbya-guarani no período de julho de 2024 a junho de 2025. A participação na pesquisa envolveu crianças da aldeia Tekoa Marangatu nas brincadeiras que foram retomadas e as imagens registradas foram devidamente autorizadas pelas famílias e autoridades da aldeia para o uso exclusivo neste trabalho de finalização de curso. Esta pesquisa é de cunho qualitativa e contou com as seguintes etapas:

1. Apresentação da pesquisa e autorização da comunidade- A pesquisa foi apresentada à comunidade Tekoa Marangatu e para realização da mesma, obtivemos a autorização das famílias e das crianças para etapa que compreendeu a observação das brincadeiras e dos jogos com as crianças.

2. Período de Observação e registro dos dados da pesquisa – O período de observação ocorreu em diferentes momentos na Aldeia e teve como foco a observação das brincadeiras entre as crianças em espaços de convívio coletivo na Aldeia. Os registros fotográficos foram realizados e no processo de orientação foram sistematizadas as memórias dessas brincadeiras.

3. Desenvolvimento da Análise dos dados da pesquisa- Após o período de observação na Aldeia das brincadeiras das crianças e dos registros que foram realizados, pude sistematizar e organizar as brincadeiras e jogos dando destaque aos conhecimentos que são atribuídos a essas práticas. Procurei com isso, refletir a partir de referenciais teóricos e dos conhecimentos do meu povo, a função social das brincadeiras para cultura mbya-guarani.

O trabalho de pesquisa foi orientado pelas questões éticas que contemplam a vida em comunidade compartilhada na aldeia Tekoa Marangatu. Todos os princípios do povo que ali vive foram respeitados e a condição de realização dessa pesquisa está atrelada à contribuição para o povo guarani da Aldeia Tekoa Marangatu. Com isso, a pesquisa cumpre sua tarefa de promover conhecimentos imprescindíveis à cultura do povo guarani e a promoção dos seus direitos.



Conteúdo disponível na modalidade oral.
Gravação realizada pelo autor, 2025.

6 MEMORIAL DE ESTUDANTE GUARANI NO CURSO DE PEDAGOGIA

Figura 2. Esse sou eu com minha mãe Kerexu e minha avó Para Rete Yxapy.



Fonte: Acervo do autor, 2025.

Eu sou o Sérgio Duarte da Silva, e em Guarani me chamo Karai Yvydju Mirim. Sou estudante indígena da etnia Guarani, do Curso de Pedagogia da UFSC, moro no município

de Imaruí, na Aldeia Tekoa Marangatu. Nasci no município de Viamão, na comunidade Aldeia Cantagalo, no Rio Grande do Sul, no dia 24 de fevereiro de 1991. Sou filho de Silvio Duarte e Márcia da Silva. e com três anos fui trazido para Santa Catarina pelos meus pais, para morar na “Terra Fraca”, que hoje é localizada em Palhoça, na loja Havan na BR-101, atualmente. Ainda criança, depois de lá fomos para Aldeia Maciambú, no Morro dos Cavalos. No ano de 2000, a área da atual Tekoa Marangatu em Imaruí foi comprada com recurso do Gasoduto e nos mudamos e nos estabelecemos com toda a nossa comunidade.

Minha trajetória começou no Rio Grande do Sul. Quando eu tinha três anos, meus avós, Dona Maria Guimarães e meu falecido avô Augusto da Silva se mudaram para a região chamada Terra Fraca, onde hoje está localizada no município de Palhoça. Meus pais vieram junto com eles. Na época, aquela terra era apenas uma área particular, onde um fazendeiro permitiu que meus pais morassem. Ele e seus amigos ajudaram com comida e a construção de uma casa de lona preta.

Com o passar dos anos, surgiu uma outra terra no Maciambu, hoje conhecida como Aldeia Pira-Rupa, também no município de Palhoça, próxima ao Morro dos Cavalos. Na época, essa terra não tinha dono regularizado. Depois de algum tempo, começou a funcionar uma escola na aldeia, mas ela oferecia apenas da primeira à quinta série. Quando completávamos essa etapa, precisávamos estudar na cidade mais próxima.

Nesse período, aconteciam muitas reuniões em Florianópolis, no Ministério Público, e em Brasília. Quem acompanhava esse processo eram meu pai e meu avô Augusto da Silva. Eu não entendia muito bem o que se tratava na época. Mais tarde, soube que haviam comprado um pedaço de terra aqui no município de Imaruí, SC. Algumas famílias decidiram se mudar para cá, enquanto outras ficaram. Quando chegamos, não havia quase nada, apenas um galpão grande onde as pessoas passavam a noite.

Com o tempo, as famílias cresceram. Eu tive que estudar em uma escola não indígena, e nem sabia falar português direito, mas fui na marra. Foi assim que comecei minha caminhada nos estudos. Depois, me mudei para o litoral de São Paulo, no município de Miracatu, onde morei por quatro anos. Em seguida, fui para o litoral norte de São Paulo, no município de Praia Grande, onde também vivi por mais quatro anos.

Foi lá que fiz minha inscrição para entrar na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em 2017 entrei e comecei a cursar Pedagogia na UFSC em Florianópolis. Eu nunca tinha pensado em entrar em uma universidade, e depois que terminei o ensino médio, não pensava mais nos estudos, e quem me incentivou a fazer um curso superior foi o meu já falecido Tio Eduardo. Ele me sugeriu fazer o curso Educação do Campo, porque ele estava fazendo e estava gostando. Ele foi a primeira pessoa da minha família e da comunidade Guarani da Aldeia Tekoa Marangatu a cursar um curso superior numa faculdade pública. Desde então, comecei a pensar sobre isso e me inscrevi para entrar na universidade por meio de prova de vestibular, mas não consegui. Na terceira tentativa, fiz o vestibular regular para Odontologia, mas tinha muitos candidatos e aí ingressei para o Curso de Pedagogia, no segundo semestre de 2017.

O primeiro dia na universidade foi muito difícil, pois tinha tido uma visão diferente do que encontrei, porque foi difícil acompanhar o curso, por causa dos tempos da universidade e da correria dos trabalhos acadêmicos e participação nas aulas. Nesses 8 anos na universidade, tranquei o curso duas vezes, por causa das dificuldades em acompanhar as disciplinas. Até cheguei a pensar em desistir e me desligar do curso, mas eu voltei a fazer as disciplinas, quando percebi que eu estava no caminho certo de poder ajudar a minha comunidade e ajudar o meu povo a melhorar na área da educação, porque a educação indígena é muito precária e tem poucos indígenas formados na área de educação como docentes. Isso me incentivou a voltar e minha pretensão é contribuir na escola e na aldeia depois de formado.

Quando chegou a pandemia, tudo parou. As aulas passaram a ser online, mas como minha aldeia fica longe da cidade, o sinal de internet era fraco e isso dificultou muito. Cheguei a desistir do curso.

Mas um dia recebi uma visita inesperada e muito importante na minha aldeia: vieram a professora Patrícia, a professora Camila e a professora Joana. Depois dessa visita, fiquei pensando em casa e disse para mim mesmo: “Todos os meus professores do curso de Pedagogia fizeram de tudo para me ajudar. Eu não posso decepcioná-los.” Então voltei para a faculdade e continuei.

Mas quase na metade do meu curso de Pedagogia, eu precisei assumir como cacique na Aldeia Tekoa Marangatu. Como sempre fui de uma família de lideranças, depois do falecimento do meu avô Augusto da Silva e do meu tio Eduardo da Silva, meus outros tios assumiram a liderança como caciques. Toda minha família vem de lideranças, desde meu avô por parte da minha mãe, que é cacique lá no Rio de Janeiro, até aqui (na Aldeia) a minha avó dona Maria. Por fim, essa responsabilidade chegou até mim, e mesmo estando na universidade, precisei assumir o papel de cacique. Embora compreendesse a importância disso, eu não me sentia preparado ainda. Isso também dificultou um pouco a minha vida de estudante no curso de Pedagogia, pois eu precisava faltar às aulas para participar de reuniões e atender às necessidades da comunidade. Após três anos, decidi deixar a função de cacique para me dedicar aos estudos.

Quando cheguei ao estágio obrigatório, foi aí que caiu a ficha de que eu estava no final do curso.

E assim, cheguei ao ano de 2025. Essa é a minha história.



Conteúdo disponível na modalidade oral.

Gravação realizada pelo autor, 2025.

7 INFÂNCIAS GUARANI

Figura 3. Crianças da Aldeia Tekoa Marangatu.



Fonte: Acervo do autor, 2025.

O conceito de infância tem sido historicamente marcado por uma visão adultocêntrica, na qual a criança é vista como um "não adulto", um ser em desenvolvimento, incompleto e que necessita ser moldado para atingir a maturidade. Esse olhar ignora a infância como um tempo com valor próprio e significativo na trajetória do ser humano. Nas sociedades ocidentais, essa perspectiva tem influenciado a maneira como a criança é educada e inserida no mundo social, muitas vezes desconsiderando suas formas de expressão, aprendizado e participação na cultura (SILVA;TEMPASS;GARCIA, 2019).

No contexto da infância Guarani, essa visão adultocêntrica entra em choque com concepções indígenas sobre o crescimento e o aprendizado das crianças. Entre os Guarani, a infância não é vista como um estado de incompletude, mas como uma fase essencial da existência, na qual a criança já possui um lugar na comunidade e aprende por meio da observação, da experiência e da interação com os mais velhos. O ensino não se

dá de maneira formalizada, mas por meio da convivência, da escuta das narrativas dos anciãos, da participação em rituais e brincadeiras que reforçam os valores comunitários.

Diferentemente da ideia ocidental de que a criança deve ser preparada para o futuro, a infância Guarani é vivida no presente, com espaço para autonomia e para a construção do conhecimento em harmonia com o coletivo. O aprendizado ocorre por meio da oralidade, da experimentação no ambiente natural e do envolvimento nas práticas tradicionais, como a agricultura, o canto, a dança e a medicina ancestral. A brincadeira, por exemplo, não é apenas um passatempo, mas um meio de aprendizado cultural, onde as crianças simulam situações do cotidiano e internalizam valores fundamentais da comunidade.

Assim, ao pensar sobre a infância Guarani e compará-la com a perspectiva ocidental, percebe-se a necessidade de superar o olhar adultocêntrico e reconhecer a criança como sujeito ativo, participante e detentor de saberes próprios. A valorização dessas concepções é essencial para a construção de práticas educacionais mais respeitadas e coerentes com a diversidade cultural, especialmente em contextos indígenas, onde a escola muitas vezes impõe modelos alheios à realidade das comunidades.

O artigo "Infância e Educação Guarani: Para Não Esquecer a Palavra", de Ana Luisa Teixeira de Menezes e Sandra Regina Simonis Richter (2015) aborda a cosmologia Guarani a partir das crianças, revelando-se como um encontro com a palavra antiga que os Guarani buscam preservar, pois está intrinsecamente ligada ao sentido de casa. Apresenta uma reflexão sobre a infância Guarani a partir da relação entre educação, oralidade e cosmologia. O conceito central do texto gira em torno da infância como um período essencial para a transmissão da palavra antiga (nhe'ẽ), que não se trata apenas de linguagem, mas de um conhecimento profundo que sustenta a identidade e a visão de mundo do povo Guarani.

As autoras destacam que, para os Guarani, a educação não se limita à escola formal, mas ocorre de maneira integrada ao cotidiano da aldeia, especialmente na Opy (casa de reza), considerada um espaço de formação espiritual, social e cultural. No contexto Guarani, a Opy é considerada a "universidade" da comunidade, e a aldeia funciona como um espaço de educação coletiva onde cada indivíduo pode descobrir o melhor de si mesmo. Esses ambientes refletem valores educativos que são preservados por práticas sociais, cotidianamente entre os mbyá-guarani.

A palavra tem um papel fundamental nesse processo, pois é por meio dela que os mais velhos transmitem ensinamentos aos mais jovens, garantindo a continuidade dos saberes ancestrais.

Outro ponto importante é a ideia de que a infância Guarani não é vista como um estado de incompletude ou preparação para a vida adulta, mas como uma fase rica em aprendizagens e experiências próprias, vividas em contato com a comunidade e a natureza. A brincadeira, os desenhos e as interações das crianças são formas de expressão e aprendizado, estabelecendo um diálogo entre diferentes gerações (GRANDO,2016).

Assim, o artigo propõe uma ruptura com a visão adultocêntrica da infância predominante na sociedade ocidental e valoriza a educação Guarani como um processo coletivo, que articula oralidade, espiritualidade e vivência prática. Dessa forma, a preservação da palavra e da cultura Guarani se entrelaça à infância, tornando as crianças protagonistas na continuidade do conhecimento tradicional e morada de seus saberes.



Conteúdo disponível na modalidade oral.
Gravação realizada pelo autor, 2025.

7.1 AS CRIANÇAS NA ALDEIA TEKOA MARANGATU

Na aldeia Tekoa Marangatu, as crianças são entendidas como parte essencial do povo, carregando o espírito dos ancestrais e, ao mesmo tempo, representando a continuidade da cultura. Elas não são vistas como "incompletas", mas como seres em formação guiados pelo coletivo, aprendendo com os mais velhos por meio da convivência, da oralidade, das brincadeiras, dos rituais e da natureza

As crianças são cuidadas não só pelos pais, mas por toda a comunidade — avôs, avós, tios, tias, lideranças espirituais. Elas participam das atividades cotidianas, aprendem os cantos (nhe'ê porã), as histórias, os jogos tradicionais, o modo de plantar, de se alimentar e de rezar. Tudo isso faz parte do modo de ser criança Guarani.

Na aldeia Tekoá Marangatu, ser criança é também estar conectado com a terra, com o Nhanderu (criador), com os cantos e com a espiritualidade. É ser reconhecido como alguém que tem algo a ensinar aos mais velhos e que também precisa ser protegido para crescer com força espiritual, sabedoria e alegria.

Na aldeia Tekoa Marangatu, a infância é compreendida como um tempo sagrado e essencial para a formação do ser Guarani. As crianças são vistas como parte viva da comunidade e como continuidade da tradição e do modo de viver ancestral, conhecido como Nhande Reko.

Nesse contexto, a infância tem um papel fundamental na preservação e na vivência da cultura. Desde pequenas, as crianças participam das rodas de conversa, dos cantos sagrados, das rezas e dos saberes que circulam na comunidade, aprendendo com os mais velhos através da oralidade e da convivência. As brincadeiras, por sua vez, não são apenas um momento de lazer, mas um modo profundo de ensinar e fortalecer o *Nhande Reko*. Por meio das brincadeiras tradicionais, as crianças desenvolvem valores como respeito, cooperação, cuidado com a natureza e com os outros. Além disso, aprendem a língua guarani, os cantos, as histórias dos ancestrais e o modo de se relacionar com o mundo espiritual e com a terra. Assim, brincar é também um ato de resistência, de aprendizado e de fortalecimento da identidade Guarani, sendo fundamental para a formação das crianças na comunidade.

As crianças indígenas vivem uma infância profundamente conectada com a natureza e com os saberes do povo Guarani. Quando não estão na escola, elas se divertem com atividades que vão além do brincar pelo brincar — são momentos de aprendizado, espiritualidade e vivência do Nhande Reko, o modo de ser Guarani.

Entre as principais formas de diversão estão as pescarias nos rios e lagos próximos, os banhos e as brincadeiras nas águas, como nadar e pular nas pedras. As crianças também gostam de brincar de esconde-esconde na mata, subir em árvores, jogar bola e correr livremente pelos espaços da aldeia. Além disso, participam de brincadeiras tradicionais, como corrida com toras, corrida de Mbaraka, arco e flecha com brinquedos feitos por eles mesmo, entre outras. É comum que fabriquem seus próprios brinquedos usando elementos da natureza, como carrinhos de madeira, bonecos de palha ou

instrumentos de bambu. Essas formas de brincar revelam um modo próprio de viver a infância, em que a diversão está unida ao fortalecimento da identidade, ao convívio comunitário e à preservação dos saberes e da espiritualidade Guarani. Muitas vezes, também ajudam os mais velhos em tarefas como buscar lenha ou cuidar da plantação, atividades que se tornam momentos de troca e aprendizado.

Quando observamos as questões de gênero, no crescimento das crianças da comunidade Guarani, por exemplo, vemos que os meninos já vêm desde pequeno sendo ensinados pelos pais a caçar, pescar e buscar alimentos na mata para casa. Já com as meninas, esse ensinamento é diferente, acontece através das mulheres, das avós e das mães. A partir do momento que a menina entra na faixa adulta já vai aprendendo a fazer as tarefas de casa, por exemplo, cuidar dos irmãos, cuidar do pai e da mãe, dos avós e ao mesmo tempo, vai se preparando para a vida adulta para fazer a união do casamento. Os casamentos antigamente aconteciam muito cedo, entre 15 e 17 anos, mas isso foi mudando atualmente, os pais vêm tendo receio com esse tipo de união tão cedo devido às violências, as separações, tudo isso que não acontecia antigamente e que agora, com aproximação com a cultura do branco, passa a ser mais comum entre nós.

Sobre como significamos a infância e a passagem para vida adulta, entendemos que os meninos e as meninas com 5 até 10 anos são considerados como criança e depois, a partir do momento que passado os 11 anos, já vivem a transformação para a vida adulta. Na nossa cultura a infância e o mais velho são sagrados. O mais velho são os anciãos da comunidade, carregam um grande conhecimento a partir do seu aprendizado sobre a vida Guarani. E a criança é entendida como quem vai carregar pela vida inteira isso que vem de antigamente, é ela que vai trabalhar pela sua comunidade, pela sua família, por exemplo, por isso que hoje em dia a gente tem uma liderança mais jovem porque ela aprende a trabalhar pelos direitos dos seu povo e da sua comunidade.

Para os mais velhos da aldeia Tekoa Marangatu, a infância é um tempo sagrado e cheio de significados dentro da cultura Guarani. Eles enxergam a criança como um ser que está mais próximo do mundo espiritual, carregando uma força especial que precisa ser cuidada com amor, atenção e sabedoria. A infância é vista como o momento de plantar as raízes do Nhande Reko, o modo de ser e viver Guarani. Os anciãos acreditam que é desde pequeno que se aprende o respeito, a escuta, o cuidado com a terra, com os outros e com os espíritos. Por isso, valorizam muito que as crianças cresçam ouvindo histórias, participando das rezas, dos cantos sagrados e das atividades da comunidade. Brincar, para eles, é também uma forma de ensinar e de preparar a criança para o futuro, não só no

corpo, mas no espírito. Quando a criança brinca com elementos da natureza, quando canta na língua guarani ou quando ajuda os mais velhos, ela está aprendendo a ser Guarani e fortalecendo sua identidade. Assim, os mais velhos compreendem a infância como um tempo de luz, de ensinamentos e de grande importância para a continuidade do povo e da cultura guarani.

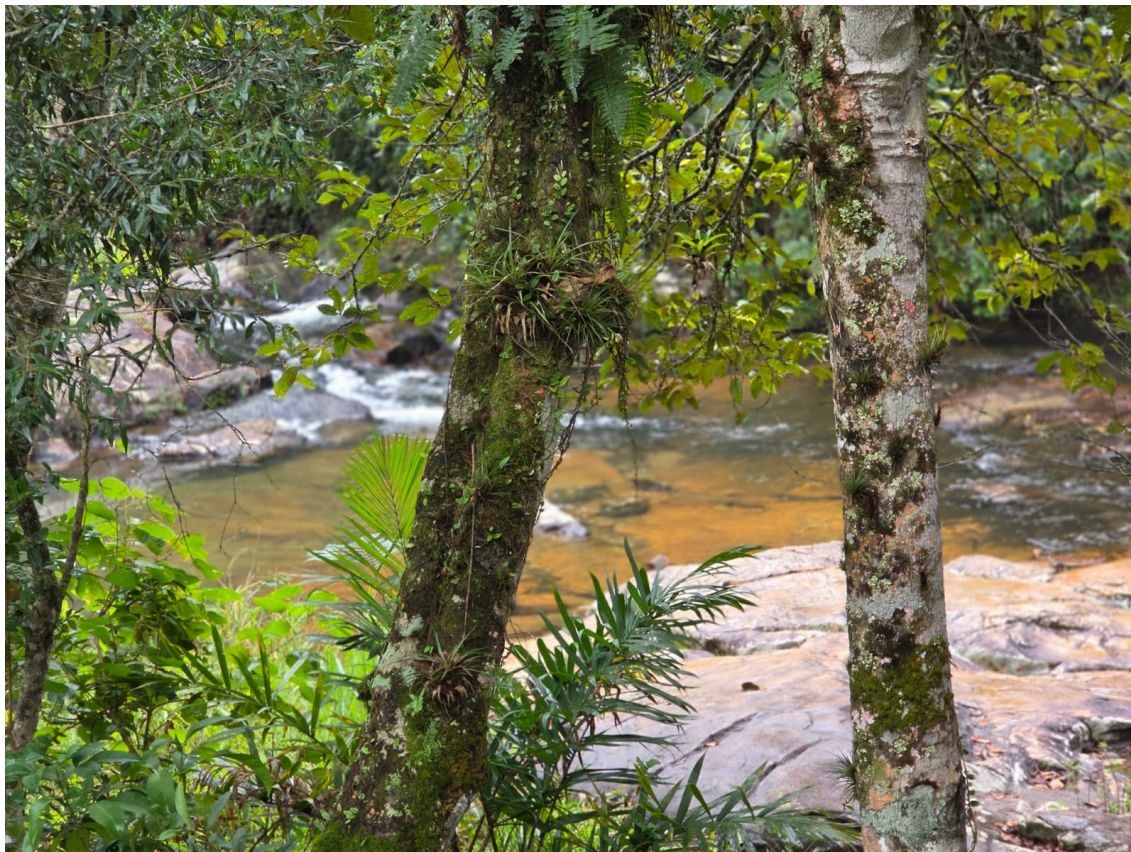


Conteúdo disponível na modalidade oral.

Gravação realizada pelo autor, 2025.

8 A ALDEIA TEKOA MARANGATU

Figura 4. Mata onde corre a cachoeira na aldeia.



Fonte: Acervo do autor, 2025.

A aldeia Tekoa Marangatu ¹ está localizada no município de Imaruí, no sul do estado de Santa Catarina, e teve início no ano de 1999. O território possui uma área de 74,6 hectares e foi adquirido com recursos vindos das medidas mitigadoras das obras da BR-101 e do Gasoduto. A situação fundiária atual é de reserva, mas a comunidade já manifestou o desejo de ampliar e redefinir os limites da Terra Indígena, pensando nas futuras gerações e na necessidade de um espaço maior para viver com dignidade e preservar a cultura.

No início da aldeia, a população era de aproximadamente 139 pessoas. O nome "Tekoa Marangatu" foi dado pela senhora Maria da Silva Guimarães, junto com outras lideranças da comunidade, por causa das características do território.

¹ Todo capítulo 3 encontra-se amparado em documentos e registros da ESCOLA TEKOA MARANGATU

A aldeia é afastada da cidade, rodeada por montanhas, cachoeiras e sons da natureza. Esse ambiente de paz e equilíbrio inspirou o nome Marangatu, que em português significa "Lugar de Harmonia".

Figura 5. Foto da parte interna da Aldeia Tekoa Marangatu.



Fonte: Acervo do autor, 2025.

Assim começou a história da Tekoa Marangatu um espaço de resistência, de reconexão com a terra e de fortalecimento do modo de ser Guarani, com a esperança de um futuro melhor para os filhos e netos da comunidade.

Depois de 26 anos desde que a aldeia Tekoa Marangatu foi fundada, muitas coisas mudaram. No começo, a aldeia não tinha nenhuma estrutura — era tudo muito simples, sem escola, sem posto de saúde, sem padaria, nem quadra ou campo. As casas eram feitas de barro, com telhado de folhas de palhas, e o modo de vida era mais próximo da tradição antiga.

Hoje, a realidade é outra. A aldeia cresceu, as famílias aumentaram, e a estrutura melhorou bastante. Atualmente, existe escola, padaria, postinho de saúde, quadra esportiva, campo de futebol, casarão comunitário, e muitas casas feitas de material, com tijolos e telhas. Ainda existe algumas casas feitas de madeira, como o pinho de Tábua, mas

casas de barro e telhado de palha são quase impossíveis de ver hoje em dia. Mesmo com todas essas mudanças, a comunidade segue firme na proteção da sua cultura. A casa de reza continua de pé, como espaço sagrado e central na vida espiritual do povo Guarani.

Essas observações vêm de um acompanhamento que faço constantemente, através de mapeamentos e levantamentos sobre a realidade da aldeia. Ao entrar na Tekoa Marangatu, a primeira casa que se vê é de um vizinho não indígena, que mora perto da entrada da reserva. Logo na entrada, há duas casas, e à direita da estrada, outras duas famílias vivem ali.

Figura 6. Entrada da Aldeia.



Fonte: Acervo do autor, 2025.

Seguindo pela estrada principal que atravessa a aldeia, há mais uma casa e, adiante, chega-se ao centro principal da comunidade. É nessa parte que estão a maior parte das moradias e as estruturas como a escola, o campo, o casarão, a quadra, o postinho de saúde e a padaria.

Figura 7. Entrada aldeia Casarão e Padaria e quadra coberta.



Fonte: Acervo do autor, 2025.

Figura 8. Posto de Saúde e Campo de futebol.



Fonte: Acervo do autor, 2025.

Figura 9. Escola.



Fonte: Acervo do autor, 2025.

A Escola Estadual Indígena de Educação Básica (EIEB) Tekoa Marangatu funciona de forma diferenciada, unindo dois caminhos de conhecimento: 50% da escola segue os conteúdos da educação formal, como matemática, português, ciências e outros, e os outros 50% são voltados para o fortalecimento da cultura Guarani. Essa forma de organização foi escolhida pelos próprios pais, lideranças e comunidade, que acreditam ser importante que as crianças e os jovens aprendam não apenas os saberes da sua cultura, mas também os conhecimentos do mundo não indígena, sem deixar de ser Guarani.

Na escola, há professores indígenas e não indígenas trabalhando juntos, para garantir uma educação que dialogue com os dois mundos. Os professores indígenas trazem para a sala de aula a língua guarani, os cantos, os costumes, os saberes espirituais e o modo tradicional de viver. Já os professores não indígenas contribuem com outros conhecimentos que também são importantes para o dia a dia, como ler, escrever em português, usar tecnologias e compreender o funcionamento da sociedade atual. A comunidade entende

que, hoje em dia, os povos indígenas dependem também desses conhecimentos para lutar por seus direitos, acessar políticas públicas e defender seu território. Por isso, a escola é um espaço onde a cultura Guarani é valorizada e ensinada com respeito, mas também onde se busca preparar os alunos para viver no mundo atual, sem perder sua identidade e seu modo de ser.

A língua Guarani não é apenas um meio de comunicação, mas carrega em si a cosmovisão do povo, seus saberes, sua espiritualidade e sua relação com o mundo. Quando as crianças deixam de falar a língua materna, perdem também a forma específica de compreender e interpretar a vida dentro da cultura Guarani. Por isso, é fundamental que a educação nas comunidades indígenas, seja bilíngue, priorizando o Guarani como língua de ensino e aprendizado desde a infância, garantindo que as novas gerações continuem fortalecendo sua cultura.

Portanto, garantir uma educação diferenciada, promover brincadeiras e jogos tradicionais na infância e na adolescência são formas essenciais de preservar a cultura Guarani. Isso fortalece a língua, a identidade e os conhecimentos ancestrais, garantindo que as novas gerações cresçam conectadas com sua história e seu povo. Essa educação, passada de geração em geração, garante que os conhecimentos ancestrais continuem vivos e sejam fortalecidos. Mesmo com as mudanças impostas pelo contato com a sociedade não indígena, as famílias Guarani continuam desempenhando um papel essencial na preservação da cultura e na formação das crianças dentro do Nhande Reko.

Voltando para a descrição da aldeia, ao redor desse centro há 23 casas. Subindo mais pela estrada, passamos pela área da casa de química e do abastecimento de água, onde há mais 9 casas. Essa parte é considerada o começo da parte central da aldeia, já próxima da cachoeira. Quando chegamos na cachoeira — lugar de banho e encontro para muitas famílias — estamos no que a comunidade considera o meio da aldeia. Ao redor da cachoeira há 11 casas.

Figura 10. Foto das casas e da cachoeira.



Fonte: Acervo do autor, 2025.

Passando por essa parte, chegamos à parte final da aldeia, onde há mais 10 casas, junto da casa de reza.

Figura 11. Casa de Reza.



Fonte: Acervo do autor, 2025.

Somando tudo, são 58 casas atualmente em Tekoa Marangatu, no ano de 2025. Ver tudo isso me faz lembrar do passado, de como era no começo, e comparar com a imagem atual me traz um sentimento misto. Fico triste por algumas coisas que já se perderam com o tempo, mas também feliz por ver o quanto a comunidade conquistou. Seguimos firmes, mantendo nossa cultura e nosso Nhande Reko, mesmo com todas as mudanças.

Atualmente temos duas lideranças à frente de nossa comunidade.

Figura 12. Cacique Daniel Benites e o Vice-Cacique Fabiano Alves



Fonte: Acervo do autor, 2025.



Conteúdo disponível na modalidade oral.

Gravação realizada pelo autor, 2025.

9 AS BRINCADEIRAS E JOGOS GUARANI NA ALDEIA TEKOA MARAGATU

Neste capítulo irei apresentar as brincadeiras e jogos compartilhados entre as crianças guarani na Aldeia Tekoa Marangatu. Com isso, pretendo dar a conhecer o que são as práticas do brincar na cultura guarani e em especial, na Aldeia onde vivo.

1. PETECA

Figura 13. Brincadeira de Peteca



Fonte: Acervo do autor, 2025.

A brincadeira de peteca é um jogo divertido que pode ser praticado em ambiente aberto e espaços amplos por diversas idades. A peteca é feita de palha de milho e antigamente, os mais velhos tiravam a palha do milho para confeccionar a peteca e não

havia pena, era apenas de palha de milho. A brincadeira atualmente não é tão praticada quanto antes, mas tentamos manter e não esquecer desse conhecimento repassado pelos nossos antepassados. Para brincar com a peteca, são formados grupos e o principal objetivo é não deixar a peteca cair no chão. Todos devem jogar a peteca para cima e não deixar cair, sendo que aqueles que deixarem cair saem do jogo. Essa brincadeira traz em sua essência, o princípio da vida Guarani.

2. XANJAU (MELANCIA)

Figura 14. Brincadeira da Melancia.



Fonte: Acervo do autor, 2025.

A brincadeira da melancia traduzindo para Guarani é Xanjau. É formada através de uma roda onde as crianças vão sentar para fingir que são melancias e duas crianças como se fosse o dono do plantação. Daí, duas pessoas vão ficar fora do círculo e as crianças vão perguntar para o dono da plantação se a melancia está madura. O dono da plantação vai falar que não, no momento a melancia tá verde. Aí, as duas crianças vão voltar para

casa depois de um tempo, ele vai voltar de novo e perguntar para o dono se a melancia tá boa e se já amadureceu. Aí, o dono vai falar que sim e que pode pegar a melancia. Daí, as duas crianças vão circular a roda e colocar a mão na cabeça das crianças que estão na roda para escolher qual melancia está madura ou não. Ao escolher qual estará madura, pegarão a criança(melancia) e carregarão pelo braço para fora da roda. Assim se repete até que todas as crianças sejam escolhidas . Ao final, todas as crianças voltam para a roda e a brincadeira de Xanjau se reinicia trocando as posições de modo que todas as crianças possam exercitar todos os lugares na brincadeira.

3. MBARAKA

Figura 15. Brincadeira Mbaraka.

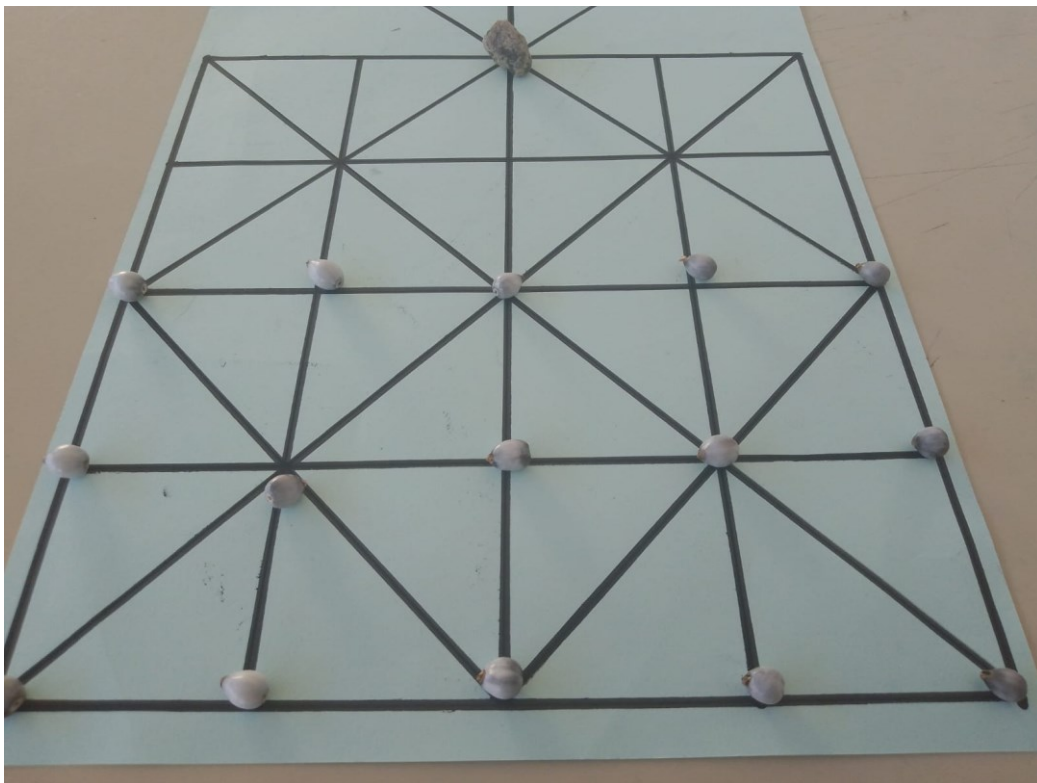


Fonte: Acervo do autor, 2025.

Mbaraka é uma brincadeira tradicional indígena e africana. É uma atividade dinâmica e divertida que pode ser adaptada para diferentes ambientes e grupos de idade. A brincadeira Mbaraka é com um chocalho. Essa brincadeira traz a participação dos grupos através da corrida. Vai ter dois grupos de cinco crianças e vai ter duas delas com chocalho que vão correr. A brincadeira começa atrás da linha com os cinco grupos. Do outro lado da linha vai ter um tronco, onde cada grupo de corrida tem que chegar e dar a volta ao redor. Aí, quem chega novamente na linha onde estão os participantes do grupo, entrega o chocalho na mão do colega. O grupo que terminar mais cedo, ganha. Então, essa brincadeira é bem simples, tipo se eu estou aqui na fila no primeiro do grupo, eu tô com chocalho e aí quando a pessoa fala JÁ, eu vou correr e vou tentar chegar o mais rápido possível no outro lado da linha onde vai ter o tronco para dar a volta. Depois eu vou voltar para entregar para o meu parceiro o chocalho e ele não pode deixar cair no chão o chocalho, porque se deixar cair, tem que voltar de novo e começar da linha.

4. JAGUARETE

Figura 16. Jogo Jaguaretê.



Fonte: Acervo do autor, 2025.

Jaguarete é uma brincadeira indígena brasileira, é um jogo de tabuleiro cuja origem remete aos povos indígenas do Brasil desde antes da invasão portuguesa, mas existem outros estudos que identificam sua origem à família de jogos Tigres e Cabras vinda da Índia. É uma divertida brincadeira que a princípio era praticada com pedras ou sementes e riscos traçados na areia e hoje pode ser jogado em diversos aplicativos para Smartphone, inclusive. O seu caráter lúdico merece destaque, pois através do brincar as crianças são capazes de criar e vencer seus próprios limites e construir suas próprias aprendizagens.

O jogo é formado por dois jogadores. Um deles ficará com a função do tigre - Jaguarete e o outro, a função do cachorro-Jaguara. Os jogadores seguirão com o jogo na direção onde os pontos da linha se cruzam , no entanto não poderão ficar fora da linha ou em outro lugar fora do cruzamento. A regra é fazer com que elimine ao máximo os cachorros e os tigres e também encurralar em uma “toca “ ambos os animais. O vencedor é quem mais encurralar na toca o animal adversário , sendo que o jogo acaba quando eliminar todos.

O jogo traz um aprendizado da caça e a percepção das estratégias de “encurrular” a presa.

5. OJA

Figura 17. Brincadeira Oja



Fonte: Acervo do autor, 2025.

Ojá é uma brincadeira tradicional indígena e africana que envolve uma roda de crianças todas agachadas, onde elas dão nome de comidas e duas crianças, que estão fora do círculo, virão até a roda e vão perguntar se tem um determinado alimento. As crianças que estão fora irão perguntar se o alimento está pronto para ser comido ou farão outra pergunta qualquer. As crianças irão responder que sim ou que não e como os jogos são também adaptados pelas crianças, às vezes elas dizem a verdade e às vezes, elas escondem. Se as pessoas de fora acertarem a comida, levam a criança que representa aquela comida para fora da roda .

6. JOGO DE MÍMICA

Figura 18. Jogo de Mímica.



Fonte: Acervo do autor, 2025.

Este jogo pode ser uma forma divertida de transmitir histórias, ensinamentos e tradições culturais através de gestos e expressões corporais. A brincadeira é baseada na adivinhação. Eles ficam em roda em pé ou sentados e as crianças geralmente fazem mímicas dos animais da floresta e com isso, os que estão na roda precisam adivinhar. Na medida em que vão acertando, trocam de lugar.

7. ROVO (FOCA)

Figura 19. Brincadeira ROVO.



Fonte: Acervo do autor, 2025.

Rovo ou Pega-pegas na Água é uma brincadeira tradicional da cultura Guarani, realizada em ambientes aquáticos como rios ou lagos. É uma atividade dinâmica que promove a interação social. Rovo ou Pega-pegas na Água permite que as crianças pratiquem autocontrole, tomada de decisões rápidas e gerenciamento de emoções durante o jogo. Além disso, lida com a confiança pessoal ao desafiar os participantes a superarem medos e limitações na água, fortalecendo sua autoestima e autoconfiança.

8. MANDIO (AIPIM)

Figura 20. Brincadeira Mandió.



Fonte: Acervo do autor, 2025.

Mandio é uma brincadeira tradicional da cultura Guarani que envolve cooperação e força e agilidade entre os participantes para desenvolver estratégias para alcançar um objetivo comum. A brincadeira é feita em uma fila, com uma criança mais velha, para segurar um tronco de árvore. Outra criança maior vai para final da fila e faz força para puxar. Nenhuma criança pode se soltar, se acontecer de não conseguir, a criança sai da fila, mas volta para ajudar quem a tirou. Essa brincadeira não tem quem vence e quem perde porque o objetivo é cooperação.



Conteúdo disponível na modalidade oral.
Gravação realizada pelo autor, 2025.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Este trabalho de TCC que finaliza o meu curso de Pedagogia na UFSC, teve importância central na minha formação pessoal e profissional. Considero que a cultura do povo Guarani precisa ser valorizada e conhecida na sua essência, seus valores e simbologia .

Quando falamos sobre a nossa cultura, sempre falamos a partir do OPY, que é central para o desenvolvimento da cultura Guarani . Sem os mais velhos e o que aprendemos com eles , não há cultura para nós . Todas as palavras que temos nessa teia, como por exemplo,

brincadeira, sabedoria, infância, conhecimento, modo de viver.... estão interligadas e vinculadas ao OPY.

O esforço é construir um fortalecimento permanente da cultura guarani e dar visibilidade aos conhecimentos e saberes que são construídos em nossas comunidades .

O desafio em escrever esse trabalho foi realmente bem difícil, porque a nossa cultura é oral. Mas, foi um processo muito importante, pq pude valorizar nossos saberes, conhecimentos e principalmente, pensar nas infâncias como um tempo sagrado para a nossa cultura. Isso reflete o modo de vida Guarani.

A minha pesquisa visa contribuir com todos os professores da escola Tekoa Marangatu para conhecer as brincadeiras e jogos que apresentam em seus princípios, os valores e os ensinamentos da nossa cultura, bem como, ensinar aos *jurua* como as infâncias e as brincadeiras e jogos preservam saberes da nossa cultura .



Conteúdo disponível na modalidade oral.
Gravação realizada pelo autor, 2025.

REFERÊNCIAS

DOMINGUES-LOPES, Rita de Cássia; OLIVEIRA, Assis da Costa; BELTRAO, Jane Felipe. O lúdico em questão: brinquedos e brincadeiras indígenas. **Desidades**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 25-39, mar. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822015000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 jul. 2024.

GRANDO, Beleni Saléte. Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola. Cuiabá: EdUFMT, 2010. Disponível em: <http://www.fonaper.com.br/noticias/23_jogos_cultura_indigena.pdf > Acesso em: 08 jul. 2024.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **O Jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Pioneira, 1998.

MENEZES, A. L. T. de; RICHTER, S. R. S. **INFÂNCIA E EDUCAÇÃO GUARANI: PARA NÃO ESQUECER A PALAVRA**. Tellus, [S. l.], n. 26, p. 101–118, 2015. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/298>. Acesso em: 12 dez. 2022.

MONGELO, Joana Vangelista OKOTEVE JA VY'A Educação escolar indígena e educação indígena Contrastes, conflitos e necessidades / Joana Vangelista Mongelo; orientador, Josué da Silva Filho - Florianópolis, SC, 2013. 91 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2013.

SILVA, L. S. da; TEMPASS, M. C.; GARCIA, N. M. **Infância Mbyá-Guarani e o processo educativo dos “pequenos indígenas” da Tekoá Pindó Mirim**. Revista de Antropologia da UFSCar, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 204–231, 2019. DOI: 10.52426/rau.v11i1.281. Disponível em: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/281>. Acesso em: 12 dez. 2022.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia da Pesquisa**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

VERÍSSIMO, Silvana Mindua Vidal. **Infância Guarani, travessia, brincadeira: Kyringue onheovangaa**. Silvana Mindua Vidal Veríssimo; orientador, Luciane Maria Schindwein, coorientador, Neiva de Assis, 2024. 98 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2024.